

MUSEU DAS MISSÕES



ANDRÉ AMUD BOTELHO
DIEGO VIVIAN
LAERSON BRUXEL

MUSEU DAS MISSÕES

COLEÇÃO MUSEUS DO IBRAM

1ª EDIÇÃO

BRASÍLIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
2015

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Carlos Roberto F. Brandão

Chefe de Gabinete

Marcos Mantoan

Diretora do Departamento de Processos Museais

Manuelina Maria Duarte Cândido

Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus

Eneida Braga Rocha Lemos

Diretora do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Valeria Grilanda Rodrigues Paiva

Coordenadora Geral de Sistemas de Informação Museal

Rose Moreira de Miranda

Procuradora-Chefe

Eliana Alves de Almeida Sartori

MUSEU DAS MISSÕES



Coleção Museus do IBRAM

Projeto Editorial

Cláudia Storino e Mário Chagas

Coordenação Editorial

Sandro dos Santos Gomes

Redação e Pesquisa Iconográfica

André Amud Botelho, Diego Luiz Vivian e Laerson Bruxel

Equipe Editorial

Sandro dos Santos Gomes e Vítor Rogério Oliveira Rocha

Revisão

Marielle Gonçalves

Projeto Gráfico

Casa 8

Diagramação e Paginação

Isabela Borsani

Diretor do Museu das Missões

Ariston José Correia Filho

Equipe técnica do Museu das Missões

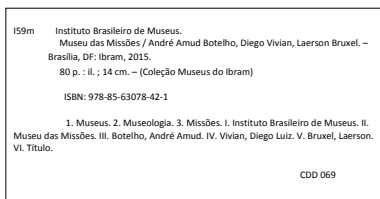
Aline Duro Ávila (setor administrativo),
Andréia da Fonseca Rodriguez (setor de comunicação),
Diego Luiz Vivian (chefe de serviço)
Laerson Bruxel (setor de ações educativas e biblioteca),
Muna Raquel Furtado Durans (setor de pesquisa e documentação museológica) e Renata Moraes Maciel (estagiária).

Endereço

Instituto Brasileiro de Museus - Ibram
Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 08,
Bloco N, 13º andar - Brasília/DF
CEP: 70040-020

Telefone: + 55 (61) 3521-4420

www.museus.gov.br



Ficha elaborada pela Coordenação de
Arquivos e Bibliotecas – CAB/CGSIM -
em 9/10/2015

Apresentação: Museu das Missões

O Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM apresenta orgulhosamente o quarto volume da Coleção Museus do IBRAM. Dedicado ao Museu das Missões, o presente volume é prova da consolidação dessa série de publicações que busca potencializar a divulgação e a reflexão sobre o rico patrimônio cultural sob a responsabilidade do IBRAM e de seus museus.

O Museu das Missões faz parte do primeiro grupo de museus brasileiros nascidos sob o impulso pioneiro do surgimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Concebido por Lucio Costa como um simples museu abrigo das imagens, ruínas e rastros das reduções missionais que reuniram povos indígenas sul-americanos aos jesuítas, sua construção foi símbolo das potencialidades da arquitetura moderna brasileira nas intervenções arquitetônicas em conjuntos de ruínas e sítios arqueológicos.

Criado em 1940 por decreto-lei assinado por Getúlio Vargas, o museu foi vanguardista na reunião, conservação, pesquisa e divulgação das imagens e da história missioneiras. Segue de vanguarda ao se abrir cada vez mais ao diálogo com as comunidades de São Miguel e da região. O museu tem atuado como importante polo de articulação e reunião de iniciativas comunitárias de memória e de valorização da identidade missioneira.

A beleza singular do Museu das Missões, a estupefação que o Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo provoca em seus visitantes, a riqueza do acervo de um dos maiores conjuntos de arte barroca missioneira do mundo, a reflexão sobre o protagonismo indígena e jesuíta na construção de um “mundo novo” nos povoados das missões do sul da América do Sul nos séculos XVII e XVIII são razões que mostram porque visitar e prestigiar o Museu das Missões é vislumbrar a constituição dessa diversidade que fez e faz o Brasil.

Neste momento em que o Museu das Missões passa por importantes transformações, este livro apresenta o registro de uma trajetória que se consolida e enraíza ainda mais, fazendo jus ao patrimônio brasileiro, da Humanidade e, especialmente, dos povos que ali vivem.

Carlos Roberto F. Brandão

Presidente do Ibram/MinC

PALAVRA DO MUSEU

O Museu das Missões fica localizado dentro do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, RS, cujos remanescentes foram reconhecidos pela UNESCO, em dezembro de 1983, como Patrimônio Cultural da Humanidade.

A criação oficial do museu se deu através da promulgação do Decreto-lei nº 2.077, de 8 de março de 1940, pelo presidente Getúlio Vargas, com a finalidade principal de “reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do país”.

Projetado pelo eminente arquiteto e urbanista Lucio Costa, o Museu das Missões foi o primeiro museu edificado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sendo que a sua inauguração, em agosto de 1941, juntamente com a criação do Museu da Inconfidência (1938) e do Museu do Ouro (1945), ambos em Minas Gerais, deu início à instalação de unidades museológicas por todo o país.

Por muito tempo, esse foi o único museu dedicado especialmente ao tema “Missões”, sendo que somente anos mais tarde seriam criadas instituições semelhantes na Argentina e no Paraguai.

Seu acervo museológico institucional, composto de imagens em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, representa uma das mais importantes coleções públicas do Mercosul. A coleta desse extraordinário acervo foi realizada, especialmente, pelo primeiro zelador do museu, Sr. João Hugo Machado, o qual, juntamente com sua família, dedicou parte significativa de sua vida aos cuidados com essa unidade museológica localizada fora dos grandes centros urbanos.

Atualmente o museu integra a estrutura do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, autarquia vinculada ao Ministério da Cultura. Tem como missão institucional pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missioneira, através de um pen-

samento crítico sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória, estimulando na população local e visitantes a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul. Considerado como um ‘museu de território’, a instituição também possui o objetivo de investigar, preservar e comunicar o patrimônio cultural e natural relacionado com o território dos chamados Trinta Povos das Missões, tendo o sítio histórico de São Miguel como capital museal de todo o processo.

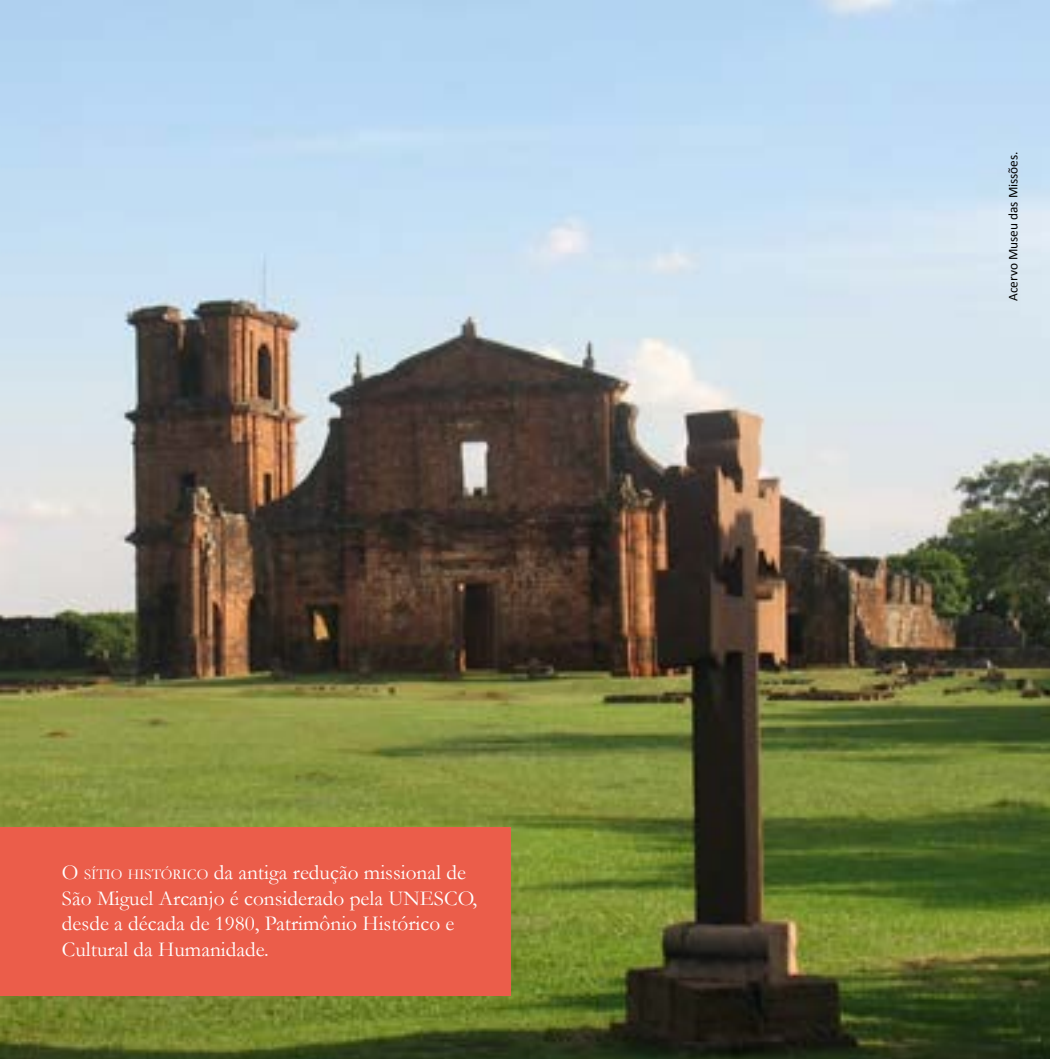
Ariston José Correia Filho
Diretor do Museu das Missões

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
As MISSÕES	17
— Surgimento das Reduções	17
— Os Guarani e as Missões	24
— Fim da experiência	28
O MUSEU DAS MISSÕES	33
— Histórico	33
— Missão	43
— Acervo Museológico	44
— Programa de Exposições	55
SERVIÇOS DO MUSEU	62
— Práticas educativas	62
— Pesquisa	64
VISITAÇÃO DO MUSEU DAS MISSÕES	67
VISITE TAMBÉM	71
ÚLTIMAS PALAVRAS	77
BIBLIOGRAFIA	78

CONCEBIDO POR LUCIO COSTA COMO UM “MUSEU ABRIGO”
para a guarda do acervo das reduções missionais, o
Museu das Missões é tido como uma das belas peças da
arquitetura modernista brasileira e compõe a paisagem
do sítio arqueológico desde 1940. Nas fotos, o Pavilhão
Lucio Costa e a Casa do Zelador.





O SÍTIO HISTÓRICO da antiga redução missional de São Miguel Arcanjo é considerado pela UNESCO, desde a década de 1980, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

APRESENTAÇÃO

O Museu das Missões faz parte da rede de museus do Instituto Brasileiro de Museus. Localiza-se na cidade de São Miguel das Missões, na região missioneira, Noroeste do Rio Grande do Sul. Fundado no sítio arqueológico do antigo povoamento de São Miguel Arcanjo, inscrito pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – na seleta lista do Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, o museu compõe o cenário que faz o visitante dirigir sua reflexão à história das reduções missionais na América do Sul. Para os jesuítas, uma redução era definida como a reunião de grupo numeroso de indígenas em povoados para facilitar o trabalho de conversão ao cristianismo.

O Museu das Missões é símbolo de um importante capítulo da história brasileira. As reduções, idealizadas por padres da Companhia de Jesus, reuniram diversos povos indígenas - Guarani em sua maioria - e os religiosos há mais de quatrocentos anos. Em 1609, deu-se início ao projeto da Companhia de Jesus, que buscava catequizar grupos indígenas no sul das Américas. O projeto compreendeu a fundação de reduções, que chegaram ao número de trinta, e se espalharam por terras

dos atuais Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai. Os Trinta Povos das Missões chegaram a reunir, segundo o arquiteto Carlos Eduardo Comas, no ano de 1730, aproximadamente duzentos e quarenta mil indígenas e cerca de cem padres jesuítas.

Com o Tratado de Madri, assinado pelas coroas portuguesa e espanhola, em 1750, teve fim a experiência missional em territórios que, mais tarde, passaram ao domínio português e hoje constituem o atual estado do Rio Grande do Sul. As ruínas dos sete espaços reducionais da região foram seguidamente reutilizadas pelas instituições coloniais e populações locais que habitavam seu entorno. Parte delas foi usada na fundação de prédios das nascentes cidades.

Um novo significado aos antigos espaços reducionais configurou-se quase dois séculos depois da assinatura do Tratado de Madri. A fundação do Serviço de Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN), em 1937, buscou valorizar símbolos de processos sociais e culturais constituintes da identidade nacional brasileira. No mesmo ano, o arquiteto modernista Lucio Costa recebeu a incumbência do SPHAN de visitar a região dos Sete Povos das Missões. A finalidade da visita foi a de indicar caminhos para atuação da instituição na região. A partir da visita, o arquiteto sugeriu a necessidade de preservação das ruínas

do sítio histórico em São Miguel das Missões. Defendeu também a fundação de um “museu abrigo” para a conservação do acervo de imagens e documentos produzidos por indígenas e jesuítas ao longo do período das missões. É de sua autoria o projeto arquitetônico do Museu das Missões, fundado no ano de 1940.

Objeto de atenção de historiadores, filósofos, antropólogos, museólogos e pensadores de maneira geral, as missões reúnem uma série de desafios para quem se dedica a sua reflexão. Um dos maiores desafios é o de compreender a atuação protagonista dos povos indígenas na fundação e desenvolvimento das reduções missionais. Uma apresentação do Museu das Missões, como a que pretendemos aqui, não poderia, portanto, furtar-se a lançar um olhar a respeito de tão discutido fenômeno histórico. É a respeito dele que o leitor é convidado a pensar nas próximas páginas.



Reprodução fotográfica da pintura "A primeira missa no Brasil" de Victor Meilheles - Acervo do Museu Nacional de Belas Artes / Ibram.

A IGREJA CATÓLICA ESTEVE ATRELADA AOS processos de expansão marítima europeia e colonização das diversas regiões do mundo. Os jesuítas planejaram e lideraram projetos de catequização nas terras colonizadas.

AS MISSÕES

SURGIMENTO DAS REDUÇÕES

Autores de um grandioso plano de conversão de indígenas da América do Sul ao cristianismo, os padres jesuítas fundaram o primeiro dos povoados do conjunto que passaria a ser conhecido pelo epíteto de Trinta Povos das Missões, no século XVII. O primeiro desses povos foi o de San Ignacio Guazu no atual território do Paraguai. Vindos à América do Sul com um projeto claro de reduzir os grupos indígenas que encontrassem, catequizando e politizando-os, os jesuítas foram progressivamente obrigados a negociar com eles. Segundo o padre jesuíta Ruiz de Montoya, citado no estudo do historiador Jean Baptista “(...) ‘politizar’ os nativos significava mudar a estrutura, a organização social e as diretrizes culturais”. Renato Dalto, outro pesquisador do fenômeno das missões, é ainda mais claro: “os jesuítas chegaram à América e organizaram as chamadas reduções, um lugar para catequese, controle e defesa dos Guarani”.

O Dicionário Houaiss da língua portuguesa revela ainda outro significado para a palavra redução que é “o ato ou efeito de subjugar” ou dominar, sujeitar, submeter, domínio. No mundo missional, reduzir

um grupo indígena pressupunha não só reuni-lo em um povoamento, mas catequizá-lo, trazendo-o ao mundo dos significados e valores cristãos.

Mas de que maneira ganhou sustentação política e material o projeto da Companhia de Jesus de catequizar grupos indígenas no sul da América? Por que meios pôde tornar-se realidade um projeto em que poucas centenas de padres jesuítas seriam responsáveis por convencer centenas de milhares de indivíduos a abandonarem suas crenças e visões de mundo?

A Companhia de Jesus foi fundada em agosto de 1534 por sete jovens estudantes, entre eles Ignacio de Loyola. Além dele, outros quatro fundadores tinham origem espanhola. Oferecendo seus serviços à Igreja Católica, seus fundadores viram a Companhia de Jesus ser legitimada enquanto nova Ordem católica pelo papa Paulo III no ano de 1540. A partir de então, os jesuítas foram responsáveis pela fundação de colégios e universidades. Lideraram ou associaram-se a projetos de catequização nas variadas partes do mundo não-cristão, às quais tiveram acesso por meio da expansão marítima européia, especialmente portuguesa e espanhola.

O início das atividades jesuíticas na América portuguesa se dá no

ano de 1549. São famosas as cartas dos padres jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, desde meados do século XVI, relatando suas tentativas de conversão dos indígenas na colônia portuguesa. Cada novo projeto no qual se envolviam os jesuítas era uma nova missão dos membros da ordem. Portanto, as missões jesuíticas nasceram muito antes da fundação do primeiro dos Trinta Povos das Missões.

O que caracterizou as missões jesuíticas entre os povos indígenas, majoritariamente Guarani, no sul da América foi a grandiosidade de sua proposta e uma mais complexa articulação de esforços políticos, institucionais e logísticos imprescindíveis à sua realização. Para entender a magnitude de escala da tarefa a que se lançaram os jesuítas, importa atentar para o universo populacional ao qual se dirigia. Os Guarani ocupavam uma extensa faixa territorial do pantanal até Buenos Aires e eram mais de um milhão de pessoas. Importante lembrar da diversidade cultural mesmo entre os Guarani, que se dividem em três grandes subgrupos: Mbya, Ñandeva e Kaiowa.

Entre o final do século XVI e o início do XVII, boa parte da grande população Guarani habitava a Província do Paraguay, garantindo sua ocupação, e viabilizando economicamente a administração colonial espanhola por meio da obrigatoria sujeição indígena à *encomienda*. A

encomienda foi um sistema espanhol de exploração de trabalho indígena. Cada colono espanhol recebia parte do resultado do trabalho agrícola de comunidades indígenas e, em troca, deveria oferecer proteção e catequização. A proteção que os espanhóis pretensamente ofereceriam

OS POVOS INDÍGENAS SÃO
PROTAGONISTAS da história
das reduções missionais. Em
sua maioria Guarani, atuaram
politicamente para a viabilização
da experiência missional, que
representou a libertação do jugo
da *encomienda* e defesa aos
ataques dos bandeirantes. Na
foto, crianças Guarani miram o
fotógrafo.



Silvio Coelho dos Santos

aos Guarani, em troca da adesão à *encomienda*, referia-se aos ataques dos bandeirantes paulistas que avançavam pelo território espanhol da América do Sul. Os bandeirantes buscavam capturar indígenas para escravização visando abastecer a produção econômica brasileira.

O instituto da *encomienda* criou um grave quadro de fome entre os indígenas, em razão das grandes parcelas da produção agrícola repassadas à administração colonial. Assim, de um lado, os indígenas tinham como ameaça constante o avanço bandeirante e, de outro, a fome que arrasava a população pela manutenção do sistema de exploração de seu trabalho. Diante da penúria material e do jugo colonial espanhol, os povos indígenas iniciam uma grande revolta contra a administração da Coroa espanhola.

Por sua vez, a Coroa espanhola e a administração da Província do Paraguai viam-se diante de um quadro político-militar muito desfavorável. Não contavam mais com a antiga aliança com os Guarani. Eram incapazes de reprimir militarmente a ação organizada de resistência de tão grande massa populacional. Tinham ainda ciência dos avanços constantes de ocupação territorial de colonos da América portuguesa para além da linha do Tratado de Tordesilhas. Dessa maneira, os jesuítas, já presentes na região desde a década de 1580,

ganham a incumbência de pacificar a rebelião indígena, oferecendo-se enquanto solução intermediária. Sua intervenção passaria a representar o fim dos abusos econômicos da *encomienda* e a proteção aos ataques dos bandeirantes. Consolidam sua atuação quando é criada, em 1607, uma administração com autonomia em relação às províncias coloniais espanholas, que foi chamada de Província Jesuítica do Paraguai. Sob a Província Jesuítica do Paraguai, missões da Companhia de Jesus desde a região do Chaco até a Patagônia foram fundadas. As missões com os Guarani foram consideradas vitoriosas e seguiram até meados do século XVIII. Outras tiveram história mais curta, em razão da recusa de outros povos indígenas pela proposta de convivência ou de ataques militares.

As reduções indígena-jesuíticas no território da província do Paraguai tiveram seu início em 1609. Nessa nova formatação político-institucional, os índios reduzidos eram livres da *encomienda* e passaram a ser reconhecidos como cidadãos espanhóis. Os padres jesuítas passaram a ter papéis sociais vinculados a variadas dimensões do cotidiano: desde os aspectos religiosos, obviamente, até o de administração institucional dos povoados.

Foi marcante o protagonismo indígena no processo de fundação e

consolidação das reduções. Para além da atuação direta na construção dos prédios e instalações dos povoados, ou na elaboração do que ficou conhecido como arte sacra missional, eles atuaram politicamente de maneira decisiva para a viabilização da experiência missional.

Os Guarani estavam em busca de libertação das obrigações da *encomienda*, necessitados da proteção aos ataques de bandeirantes e do reconhecimento político de súditos da Coroa espanhola, que os defendia da condição de escravos. Por isso, algumas de suas lideranças chegam a organizar encontros para debater e apoiar sua adesão ao projeto de organização missional.

Para além do papel que tradicionalmente lhes é imputado, os Guarani, que povoaram as reduções missionais, influíram decisivamente na criação desses povoados. Atuaram em aspectos que vão desde a organização espacial até a releitura de ritos e símbolos católicos. De início, essa atuação foi motivo de desgosto aos jesuítas, mas depois passou a ser aceita tacitamente. E é a respeito da decisiva influência dos Guarani no desenho e sustentação dos Povos das Missões e de sua relação com os padres jesuítas de que falaremos a partir de agora.

OS GUARANI E AS MISSÕES

Desde o contato inicial dos jesuítas com os tupinambás do território que hoje é o litoral brasileiro, seus nativos foram descritos como sendo um povo difícil de ser catequizado. Diversos registros de tal dificuldade foram feitos pelas cartas e relatos dos padres jesuítas que vieram à América do Sul. Em carta de 1555, mais de cinquenta anos antes da fundação do primeiro dos Trinta Povos das Missões, o padre jesuíta José de Anchieta descrevia a peculiar resistência dos tupinambás aos ensinamentos cristãos:

“Há umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quais dificulosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados; resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem, (...) Há outras nações, pelo contrário – e estas são as do Brasil – que recebem tudo o que lhes ensinam com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser como dantes era.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 184)

A PRESENÇA INDÍGENA NO LUGAR QUE FOI A REDUÇÃO de São Miguel Arcanjo é marcante. No sítio histórico de São Miguel das Missões, a Casa de Passagem serve como abrigo aos povos indígenas que se movem por suas terras. Os Mbyá-Guarani são retratados nas fotos que destacamos aqui.



José Otávio Catafesto de Souza

O tema da inconstância da fé indígena é recuperado pelos jesuítas quando funda-se a relação entre esses e os Guarani. Chamava muito a atenção dos jesuítas a ressignificação feita pelos indígenas de valores católicos sob a luz de seus diferentes sistemas culturais. Para além de identificarem incompreensão dos fenômenos religiosos, as reinvenções de manifestações católicas manifestam a releitura feita pelos indígenas

a respeito da experiência missional. Essa atitude exigia alterações dos planos originais jesuítas ao longo do período histórico. Um exemplo é o trato indígena em relação aos corpos de seus mortos. Mesmo depois da construção de cemitérios missionais, o tratamento dos mortos Guarani continua sendo elemento de polêmica entre jesuítas e indígenas. O historiador Jean Baptista revela as difíceis soluções para o tema funeral nas reduções, complicada ainda pela diversidade interna dos Guarani e pelas diferenças entre as concepções desse povo em relação a outros povos indígenas.

Baptista relata ainda casos em que a forte resistência dos grupos indígenas aos rituais fúnebres ocidentais fez com que os próprios padres jesuítas alterassem suas práticas:

“(…) Certa feita, o padre (Romero) tenta obter de um cacique a permissão para sepultar uma de suas filhas no interior da igreja. Tanto o cacique quanto a família rejeitam a idéia, preferindo o chorar copioso ao redor da defunta. Romero, com isso, segue em concordância: ‘Pareceu-me fazer o que todos faziam, e assim me deitei sobre a menina a chorá-la.’ O resultado é ‘maravilhoso’: o cacique permite o sepultamento, o padre pega a menina nos braços e, seguido pelo restante da família, realiza a cerimônia como tanto

desejara” (Documentos para la historia argentina – DHA apud BAPTISTA, 2010, p. 50)

Em outras dimensões do cotidiano reducional, os costumes indígenas também exigiram modificações no planejamento previsto pelos padres jesuítas. O espaço missional foi objeto de disputas. Os religiosos baseavam sua proposta de traçado urbano naquele implantado pela administração espanhola na fundação de novas cidades do Novo Mundo americano, enquanto os indígenas usavam o espaço das reduções à semelhança do que faziam na organização espacial própria de suas aldeias. Jean Baptista observa o quanto a divisão espacial dos povoados missionais em “oficina, claustro/escola, igreja, cemitério e cotiguaçu” é semelhante à organização de tarefas das famílias extensas indígenas.

Também o coletivismo arraigado nas práticas de produção e distribuição de riquezas nos povoados missionais é um importante eco dos modos de organização social e político dos Guarani.

A ação dos indígenas no desenho do que seriam as reduções antecede mesmo a fundação dos povoados. Há documentos que relatam que representantes indígenas negociaram os termos de um acordo com a Coroa espanhola e com os jesuítas para a viabilização da

experiência missional. Os Guarani e outros povos indígenas percebiam-se na difícil tarefa de conseguir equilíbrio entre os interesses de duas coroas européias e as práticas e avanços da nova população colonial. Esse pretendido equilíbrio exigia soluções novas: a proteção que as reduções traziam foi uma delas.

A experiência missional durou aproximadamente cento e cinquenta anos, marcando a história da extensa região em que se firmou. Os motivos que levaram ao seu fim são vários e disso trataremos a seguir.

FIM DA EXPERIÊNCIA

Os povoados da experiência missional conheceram seu fim na margem oriental do rio Uruguai a partir de 1750. Nesse ano, a Espanha propôs a Portugal a troca das terras da Colônia do Sacramento, povoamento no Rio da Prata, na margem oposta à cidade de Buenos Aires, sob a posse dos portugueses, por aquelas da margem oriental do rio Paraná e Uruguai, onde estavam localizados os chamados Sete Povos das Missões. O acordo foi aceito pela Coroa portuguesa e outros limites entre as terras americanas de Portugal e Espanha também são marcados.

Por esse mesmo acordo, grande parte da Amazônia é integrada formalmente ao território colonial português, depois brasileiro.

O acordo previa que as sete reduções da margem oriental do rio Uruguai fossem abandonadas pelos jesuítas e Guarani e incorporadas ao domínio português. Mesmo no território sob a administração espanhola, as reduções deixaram de ter a peculiar organização político-administrativa no ano de 1761.

Para compreender o fim das reduções missionais, é necessário direcionar o olhar à desvalorização e desconfiança crescente com as quais os jesuítas passaram a ser tratados pelos soberanos de Portugal e Espanha. Se, no momento anterior à fundação das reduções, a organização proposta pelos jesuítas era um modelo que agradava as intenções coloniais espanholas, cento e cinquenta anos depois, as reduções eram vistas sob outro ângulo. A administração espanhola observou com crescente desconforto a autonomia dos Trinta Povos das Missões, passando a temer a fundação de um novo Estado. Quando a experiência missional se firma, iniciativas da administração colonial passaram a não ser bem recebidas por indígenas e jesuítas. Exemplos são a obrigatoriedade do serviço militar e aumento dos impostos cobrados.

Do ponto de vista português, os Trinta Povos das Missões foram historicamente encarados como iniciativas que haviam se adequado às estratégias de ocupação territorial espanhola, em contraposição às intenções portuguesas. Eram vistos, por isso, como um entrave à consolidação portuguesa na região.

Na Europa, os interesses jesuítas eram cada vez mais postos em questão. Muitos, e aí podemos incluir Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro português, acusavam os jesuítas de acumularem riquezas na América do Sul. Segundo seus detratores portugueses e espanhóis, os jesuítas insuflavam os Guarani a resistirem ao conjunto de deveres impostos pelas metrópoles.

O próprio fato de a língua Guarani ser aquela adotada pelos indígenas e padres jesuítas nas reduções tornou-se um ponto de discórdia no quadro de tensão que passou a envolver os jesuítas, Espanha e Portugal.

A partir da assinatura do Tratado de Madri, em 1750, que inviabilizara a experiência das missões no Brasil, outros atos se somaram até o fim do que tinham sido os Trinta Povos das Missões. Em 1761, o modelo de administração das reduções em território espanhol foi revisto: os jesuítas foram substituídos por representantes da Coroa espanhola.

Até o fim da década de 1760, além de terem visto o fim das missões na América do Sul, os jesuítas foram expulsos de Portugal no ano de 1759, da Espanha em 1767, e do continente americano em 1768.

Houve tentativas de resistência indígena ao processo de esvaziamento das reduções. Depois de assinado o Tratado de Madri, parte da população dos povoados recusou-se a deixar suas casas e o modelo de organização social das missões, opondo-se ao processo de demarcação das novas fronteiras estabelecidas pelo acordo. A esse movimento de resistência, Espanha e Portugal responderam com violência e configura-se o que ficou conhecido como as Guerras Guaraníticas. As batalhas duraram do ano de 1754 ao de 1756 e são descritas por estudiosos como uma grande sucessão de massacres de indígenas pelas tropas ibéricas.

O PAVILHÃO LUCIO COSTA em foto recente cercado por pedras usadas nas construções e peças arqueológicas, resquícios do povoado antigo.

Arquivo do Museu das Missões



O MUSEU DAS MISSÕES

HISTÓRICO

A história do Museu das Missões está intimamente vinculada às reduções indígena-jesuíticas na América do Sul. Entretanto, é relevante apontar que o Museu das Missões somente surge enquanto tal a partir do olhar de Lucio Costa para as ruínas das reduções, que começaram a ser esvaziadas já em meados do século XVIII. Foi o impacto de sua visita às ruínas do sítio de São Miguel das Missões o que sustentou sua argumentação pela fundação de um museu que viesse a figurar como um símbolo das missões jesuíticas em território brasileiro.

É possível identificar, a partir da visita de Lucio Costa à região dos chamados Sete Povos das Missões Orientais, bem como de sua defesa pela instalação do novo museu, uma modificação da política inicialmente desenhada pelo SPHAN quanto à fundação de museus brasileiros. O objetivo era que o recém-criado órgão fosse responsável por constituir e assegurar o funcionamento de apenas quatro grandes museus nacionais, todos com previsão de serem construídos no Rio de Janeiro, então capital da República. O relatório técnico elaborado

por Lucio Costa a respeito de seu trabalho de reconhecimento do sítio de São Miguel das Missões transforma-se em elemento central na constituição de um novo plano de construção de museus no Brasil, adicionando ao quadro inicial os museus regionais. São fundados,



Acervo do Museu das Missões

A FOTO TIRADA ANTES DA FUNDAÇÃO DO MUSEU DAS MISSÕES e dos esforços pela reparação das ruínas da Igreja de São Miguel revela o estado de abandono a que chegou o importante sítio arqueológico da antiga redução.

até meados da década de 1940, três importantes museus regionais: o Museu das Missões, no Rio Grande do Sul; o Museu da Inconfidência, inaugurado em 1944, e o Museu do Ouro, aberto ao público em 1946, ambos localizados em Minas Gerais.

A fundação dos museus então tidos como regionais e a consequente conservação de acervos e memórias mais diretamente vinculadas às regiões brasileiras permitiram a valorização de fenômenos históricos constituintes da diversidade brasileira.

A partir da argumentação de Lucio Costa, as formulações acerca da importância do Museu das Missões ganham força.

Em fins do século XIX, relatos feitos por viajantes e estudiosos do fenômeno das missões descrevem a igreja de São Miguel já sem alguns de seus elementos centrais e cercada pela natureza da região. De toda maneira, são as ruínas do antigo templo de São Miguel que chegam nas melhores condições às primeiras décadas do século XX. Outras tiveram destinos menos felizes: a igreja de Santo Ângelo, por exemplo, desaba quando é alvo de tentativa de reformulação, em 1856.

Segundo a professora e historiadora Sandra Pesavento, as ruínas são, desde o século XVIII, valorizadas enquanto símbolos de uma ocupação humana que já passou e representantes do processo histórico,



Com Augusto Meyer e Leleta

LUCIO COSTA, figura expoente da arquitetura modernista, posa para a foto ao lado de sua esposa, Leleta Costa, e de Augusto Meyer em frente à Igreja de São Miguel. O arquiteto foi o responsável pelo projeto arquitetônico do Museu das Missões.

sinais da potencial decadência que cerca a história humana. Aponta ela: “Do local ao universal, a ruína torna-se símbolo de um ‘vir-a-ser’”.

Portanto, o olhar de Lucio Costa dirigiu-se à incompletude que as ruínas revelavam a respeito da história das reduções. E sua proposta pela construção e fundação do Museu das Missões no espaço do sítio arqueológico foi a síntese encontrada para restabelecer a coesão dos

variados elementos da experiência missional e garantir a preservação dessa história para as futuras gerações.

O Museu das Missões foi fundado em 1940 depois de um cuidadoso trabalho de consolidação das ruínas da Igreja São Miguel Arcanjo, uma das primeiras restaurações de grande porte feitas pelo então recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN). Junto a isso, o prédio do museu teve de ser desenhado e construído especialmente para abrigar o acervo que ia sendo recolhido pelo primeiro zelador do museu, João Hugo Machado, em espaços domésticos ou em capelas comunitárias da região. O projeto arquitetônico de Lucio Costa revelou sua atenção à lógica espacial do sítio arqueológico: tratava-se de implantar um museu sem agredir o desenho da antiga redução. Segundo o arquiteto Ricardo Rocha, o Museu das Missões caracteriza-se por ser uma:

“(...) solução exemplar de inserção de nova construção em sítio do século XVII, o edifício realiza uma perfeita integração entre o antigo e o moderno, aproveitando materiais provenientes das ruínas” (ROCHA, 2007).

O projeto do Museu das Missões previu a construção de um grande alpendrado como o principal espaço expositivo, atualmente nomeado Pavilhão Lucio Costa, e da Casa do Zelador, ligada diretamente ao primeiro prédio, mas isolada da visão dos frequentadores por ser desenhada para ser lugar de moradia do zelador e de seus familiares. Atualmente, ambos os prédios têm seus espaços dedicados à exposição do acervo, à reserva técnica, à sala de direção do museu, ambiente de trabalho da equipe de servidores e outras atividades do museu.

O princípio norteador de Lucio Costa para a construção do museu foi o de que sua intervenção fosse um “simples abrigo” para o acervo missioneiro. O museu foi construído para realçar o espaço da antiga redução. Em razão dessa tentativa de destacar a grandiosidade do sítio arqueológico de 311.130 metros quadrados, a intervenção de Lucio Costa foi feita em uma das extremidades da antiga praça de São Miguel Arcanjo. Atento aos preceitos modernistas elencados na Carta de Atenas de 1931, Costa concebia a possibilidade de por em harmonia intervenções modernas com as de outros tempos. Por essa especificidade, o museu de São Miguel é considerado também um museu-intérprete, tendo em vista que sua simples presença apóia as possibilidades da visualização espacial da antiga redução missional.

Acervo do Museu das Missões



AS RUÍNAS DA REDUÇÃO de São Miguel Arcanjo espalham-se por todo o sítio arqueológico. Na foto, os rastros da antiga casa dos padres.

Aberto ao público em agosto de 1941, o Museu das Missões foi o primeiro museu edificado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Em 2004, ainda parte da estrutura do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Museu



ILUSTRAÇÃO DA PLANTA-BAIXA do Museu das Missões.

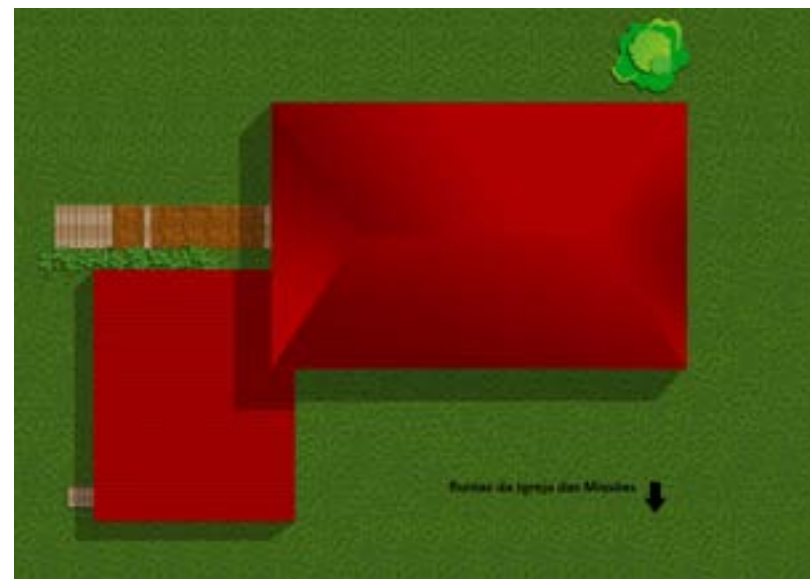


ILUSTRAÇÃO DA PLANTA-BAIXA do Museu das Missões.

das Missões foi alçado à condição de Unidade Museológica, com sua diretoria separada do escritório técnico do IPHAN-Missões. Dois anos depois, passou a ser vinculado diretamente ao Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU-IPHAN). A partir da criação do Instituto Brasileiro de Museus, em 2009, os estreitos vínculos entre o Museu das Missões e o IPHAN se modificam. A primeira unidade museológica construída pelo IPHAN no país passa então a ser administrada diretamente pelo IBRAM e não mais pela Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul. Com isso, em 2010 novos servidores públicos entram em exercício na unidade museológica, fortalecendo sua equipe técnica.



Arquivo do Museu das Missões

A IGREJA DE SÃO MIGUEL e o alpendrado concebido por Lucio Costa enquanto o principal espaço expositivo do Museu das Missões. O atualmente nomeado Pavilhão Lucio Costa foi projetado para reconstituir uma das seções de alpendrados existentes em São Miguel Arcanjo.

MISSÃO

A definição da missão e objetivos do Museu das Missões deu-se a partir do projeto de “Requalificação do Museu das Missões”, realizado desde o ano de 2006. Tem como ponto de partida a conceituação exposta no artigo primeiro do Estatuto de Museus em que:

“Consideram-se museus (...) as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”

Segundo seu plano museológico, o Museu das Missões tem como missão:

“pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missioneira, por meio do pensamento crítico sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória, visando estimular na população local a reflexão

sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul”.

Seu objetivo geral, a partir do mesmo documento, é:

“Comunicar, investigar e preservar o patrimônio cultural e natural relacionado com o território dos Sete Povos das Missões, tendo o sítio histórico de São Miguel Arcanjo como capital museal de todo o processo”.

ACERVO MUSEOLÓGICO

O Museu das Missões nasce para a valorização dos processos históricos vinculados aos chamados Sete Povos das Missões Orientais, da história missional e dos espaços de reduções indígena-jesuíticas. Por isso, seu acervo é constituído por peças elaboradas e valorizadas naquele período, especialmente o que ficou conhecido como arte sacra missional, manifestações da arte indígena colonial.

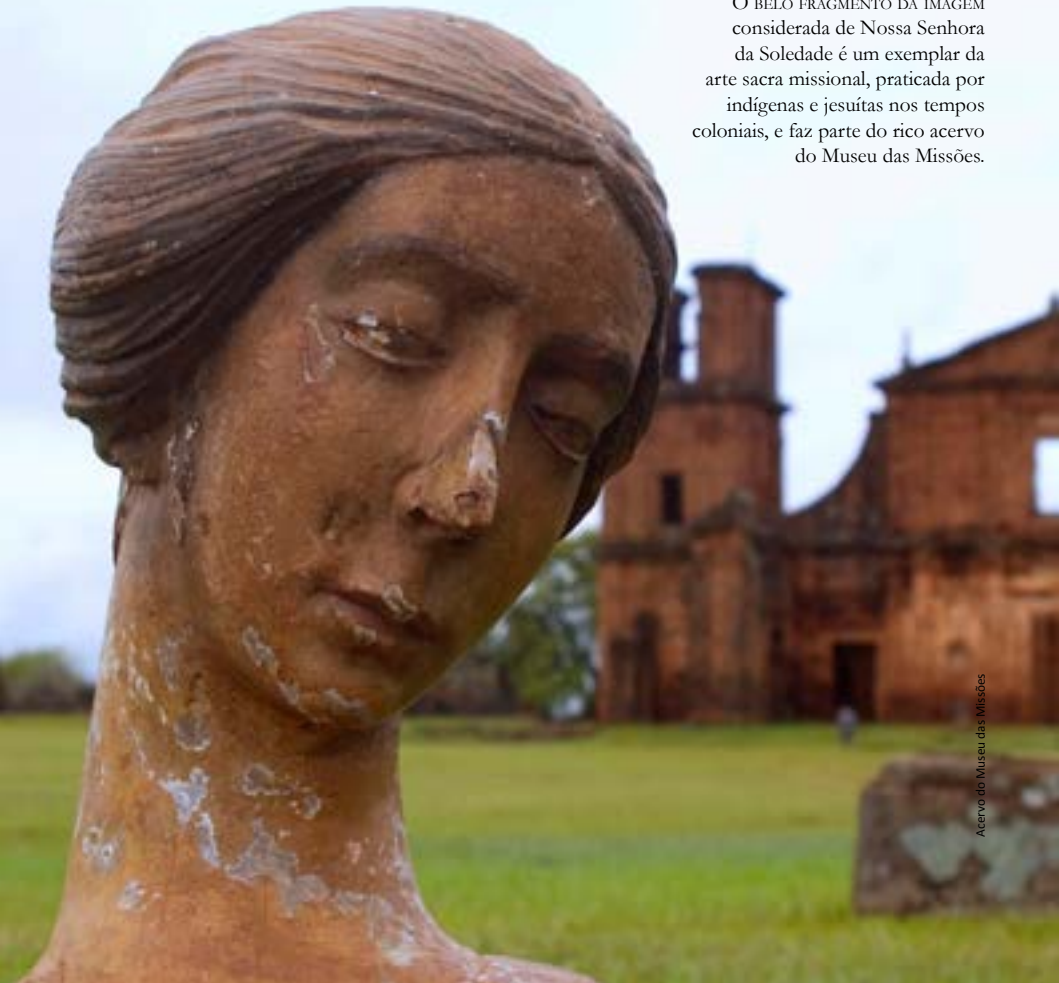
O acervo completo do Museu das Missões é formado por cinco artefatos de metal, oitenta e cinco esculturas religiosas de madeira e arenito, cinquenta e um fragmentos de madeira, quarenta

e um fragmentos arquitetônicos de arenito e madeira, duas peças arqueológicas de cerâmica e aproximadamente cento e cinquenta documentos em suporte de papel.

O museu é abrigo de vasta coleção de imagens sacras de características barrocas, o maior conjunto público de imagens missioneiras em madeira policromada da América do Sul e uma das coleções mais importantes do mundo nesse gênero. São oitenta e cinco esculturas sacras de tamanhos que variam entre dezessete centímetros e mais de dois metros. Além de tais peças, fragmentos materiais representantes da vida cotidiana missional também encontram-se atualmente sob a guarda do museu e fazem parte da exposição de longa duração aberta ao público. Nesse caso, trata-se de artefatos de metal, fragmentos de madeira, elementos arquitetônicos e peças arqueológicas encontradas e recolhidas na região missioneira.

Quando analisadas por historiadores de arte, as imagens e esculturas são classificadas como parte do movimento artístico do barroco. Mas o que é o barroco? É um estilo artístico que abrange contribuições muito diversas: da literatura até a arquitetura, passando pela música, pela pintura e pela escultura, do qual é possível, hoje, identificar com clareza elementos definidores. As criações barrocas

O BELO FRAGMENTO DA IMAGEM considerada de Nossa Senhora da Soledade é um exemplar da arte sacra missional, praticada por indígenas e jesuítas nos tempos coloniais, e faz parte do rico acervo do Museu das Missões.



Acervo do Museu das Missões

DETALHE DE ESCULTURA DA IMAGEM DE SENHOR DOS PASSOS. A arte sacra missioneira caracteriza-se pela reiteração das fórmulas artísticas barrocas. O exagero da força expressiva das imagens é uma dessas características.

Acervo do Museu das Missões



são uma resposta artística à crise de valores na sociedade europeia pós-renascentista. Ao pretendido equilíbrio do mundo representado pela arte renascentista, o barroco respondeu com o exagerado culto da forma e das expressões. O tão citado excesso de requinte barroco buscava manifestar as relações entre o divino e o terreno, o natural e o sobrenatural. O rebuscamento formal era uma maneira de interpretar as lutas e sofrimentos humanos em busca da aproximação com os céus.

O que passou a ser chamado de barroco missionário, por sua vez, tem características peculiares em relação ao movimento barroco em geral. O barroco europeu surge enquanto conjunto de manifestações artísticas que interagem com outras tendências europeias de arte, especialmente o Renascimento. Já o barroco missionário nasce e se desenvolve tendo no isolamento das populações das reduções e na necessidade de catequização as chaves-mestras de sua diferenciação e originalidade artísticas.

É importante reiterar que a introdução jesuíta de técnicas de produção artística entre os povos indígenas das reduções, bem como os movimentos desses religiosos pela valorização da arte naquele contexto, não atendiam, de início, às buscas pela construção de uma

estética original. A introdução da arte barroca inseria-se na complexa estratégia traçada pelos jesuítas para a catequização das populações reduzidas. Armindo Trevisan, um dos autores que estudaram o uso específico da arte nas missões jesuíticas para fins de cristianização, aponta o uso das imagens missionárias como um elemento pedagógico substituto da Bíblia na estratégia de catequização. O conjunto de imagens, por seu alcance de persuasão, era naquele contexto o que os jesuítas entendiam como a Bíblia dos Pobres. Em razão do analfabetismo de grande parcela dos indígenas a serem catequizados, as imagens funcionavam como reforço às pregações cotidianas dos jesuítas. Também eram elementos fundamentais em todo o conjunto de ritos que os padres buscavam fixar no sistema de valores dos novos fiéis. Até hoje, imagens como a da Nossa Senhora da Conceição são alvo da adoração religiosa popular. Por isso, se a arte sacra barroca europeia podia ser aproveitada pela pregação católica para aproximar seus fiéis das questões espirituais por meio de pinturas e imagens, a arte sacra missionária pode ser vista como um exagero das fórmulas artísticas barrocas para essa pretendida aproximação. Não são raras as imagens de santos com olhos marejados de lágrimas de sangue, ou de santos que parecem dirigir-se muito diretamente aos seus apreciadores

com expressões muito fortes, em tom de sermão e reprimenda. Para Armino Trevisan, o barroco das missões é “um barroco no qual o conteúdo espiritual predomina sobre as preocupações apologéticas. Um barroco lento, profundo, sem retórica...”.

Grande parte do acervo do Museu das Missões, constituído pelas peças de arte sacras e fragmentos do cotidiano, foi recolhido por seu primeiro zelador. Desde 1938, João Hugo Machado retirava da guarda de comunidades e famílias da região peças que mantivessem relação com a história de ocupação missional. Ele agia amparado legalmente pelo decreto-lei nº 2.077, do ano de 1940, que criava o Museu das Missões e definia como sua finalidade “(...) reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do País”. Por vezes, o zelador amparava-se na legislação que fundava o museu para “tirar”, segundo seus termos, peças que já tinham sido integradas ao cotidiano de comunidades e particulares que as guardavam e valorizavam. Em razão disso, houve conflitos entre o zelador e membros da comunidade local. Parte da população da região ainda ressentia-se da maneira pela qual foram recolhidas as peças que constituíram o acervo do museu. Conforme destaca a historiadora



JOÃO HUGO MACHADO, o zelador do museu, foi o responsável por procurar e recolher imagens sacras das antigas reduções para a formação do acervo do Museu das Missões. Algumas imagens eram e continuam sendo objetos de adoração de comunidades locais. Na foto, imagem de Nossa Senhora.

IMAGEM DE ANJO com boa conservação das cores da pintura.

Letícia Bauer, “aqueles bens que ‘rolavam abandonados’, em verdade tinham readquirido funções de culto em outros locais, integrando a religiosidade e articulando as redes sociais comunitárias da região”. Desse modo, “a coleta dos santos foi polêmica desde o início. Até hoje ela integra a memória coletiva dos moradores de São Miguel das Missões, ainda que esteja muito mais presente na memória dos mais velhos”.

Se com a fundação do Museu das Missões, Lucio Costa pretendia restaurar a coerência narrativa das ruínas que encontrara, o zelador foi aquele que recorreu à população local, “herdeira” do patrimônio histórico e artístico missioneiro, para reunir os fragmentos materiais da história das missões.

Desde a fundação do museu, também foram sendo formados seus acervos arquivístico e bibliográfico. Tais acervos são constituídos especialmente por livros, publicações e documentos que revelam aspectos da vida nas reduções jesuíticas na margem oriental do rio Uruguai. A biblioteca, aberta ao público, tem como principais objetos a história das missões e debates contemporâneos da área museológica.

Parcela significativa dos documentos que registram a trajetória do museu não está sob a sua guarda, encontrando-se distribuída em



diversos locais, especialmente no Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro (ACI-RJ), conhecido também como Arquivo Noronha Santos. Isso se explica devido às práticas de recolhimento adotadas até os anos 1990 pelo IPHAN, período em que o Arquivo Central foi o responsável por receber a documentação produzida pelos diversos

setores vinculados ao órgão, incluindo o próprio Museu das Missões. Com a gestão descentralizada dos arquivos, a documentação atinente ao museu passou a ser custodiada pela Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul e pelo seu Escritório Técnico-Missões. Assim, até o ano de 2007, quando se estabeleceu um vínculo direto entre o Museu e o DEMU-IPHAN, o Arquivo do museu se resumiu, basicamente, à guarda de livros de assinaturas de visitantes, sendo o restante dos registros conservados no ACI-RJ, na Superintendência do IPHAN, no Arquivo do Escritório Técnico do IPHAN-Missões ou, ainda, no

Acervo do Museu das Missões



O PAVILHÃO LUCIO COSTA é ainda guardião de peças, fragmentos e materiais usados na redução de São Miguel Arcanjo.

Arquivo Público de Santo Ângelo/RS.

O arquivo do Museu das Missões possui cópias de documentos e fotografias, com destaque para registros originais que foram digitalizados no ACI-RJ por servidores da Superintendência do IPHAN, a exemplo do relatório elaborado em 1937 por Lucio Costa após sua visita de inspeção à região missioneira, sugerindo a Rodrigo Melo Franco de Andrade a criação do Museu das Missões.

PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

Baseado na lógica de museus polinucleados, o Museu das Missões planeja suas atividades e organiza a exposição de seu acervo material ao público em núcleos. As propostas de estruturar atividades de um museu dessa maneira fortalecem-se com o surgimento do Movimento Internacional de Nova Museologia (MINOM) e das experiências museais que o caracterizaram (ecomuseus, etnomuseus, museus comunitários e museus de bairro). Na medida em que esse movimento buscou relativizar os discursos dos museus tradicionais, a busca pela incorporação de novos olhares e práticas museais passou a prever que o espaço dos museus fosse dividido de maneira a incorporar mais

O MUSEU DAS MISSÕES E A PAISAGEM da região missioneira. O público do museu circula pelo Pavilhão Lucio Costa e pela Casa do Zelador. A solução de Costa pelo alpendrado é um marco do alcance da arquitetura modernista em sua relação com ruínas e construções antigas.

Acervo do Museu das Missões



perspectivas aos fenômenos com os quais lidam. Os museus passariam a refletir mais apropriadamente a complexidade social e histórica na qual se inserem, abrindo-se a variadas formas de atuação e discursos. O museu deixa de ser apenas o guardião do patrimônio para ser ele mesmo patrimônio da comunidade na qual se insere.

Construído no noroeste da praça pública de São Miguel, junto aos elementos constituintes das ruínas da redução, o Museu das Missões não deixou de levar em conta possibilidades de um percurso de seus frequentadores pelo espaço do sítio arqueológico no qual se insere. Assim, seus núcleos expositivos são vinculados a espaços para além do museu estritamente, o que torna possível que seus visitantes possam contemplar a complexidade do fenômeno das missões.

Os núcleos de exposição atualmente existentes são: “Memória e História”, que se vincula ao espaço da Casa do Zelador; “Museu abrigo”, que tem lugar no Pavilhão Lucio Costa; “Igreja São Miguel Arcanjo”, no qual o visitante explora as ruínas da igreja; “Caminho dos conquistadores”, trilha que atravessa todo o espaço arqueológico; “A fonte”, em que uma fonte de água que abastecia a redução recebe um tratamento museográfico e é apresentada ao visitante.

Nos núcleos expositivos da Casa do Zelador e do Pavilhão Lucio

Costa, que ficam no espaço inicialmente planejado pelo arquiteto para abrigar o acervo do museu, estão expostos os itens que constituem a coleção do Museu das Missões.

No espaço da Casa do Zelador, o visitante é convidado a refletir a respeito das associações e paralelismos entre os conceitos de memória e história. Essa oposição é marcada inclusive espacialmente, tendo como mediação a referência a João Hugo Machado, primeiro zelador do museu.

No Pavilhão Lucio Costa, é exposto o acervo de imagens missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, além de outras peças, como sinos de bronze, bigorna, elementos arquitetônicos e fragmentos em arenito.

Toda a organização dos núcleos expositivos e o aproveitamento dos espaços do Museu das Missões buscam convidar o visitante à reflexão sobre a complexa experiência histórica das missões. Como vimos, a fundação do museu ocorreu em um período de valorização histórica das missões para a formação da diversidade cultural brasileira.



PROJETADA POR LUCIO COSTA como lugar de moradia do zelador do museu e família, a Casa do Zelador serve de abrigo atualmente ao núcleo de exposição “Memória e História”, bem como aos acervos documental e arquivístico do Museu das Missões. É também espaço de trabalho das equipes técnicas e de administração do museu.

EM DIA DE ATIVIDADES no museu, o público abraça a Igreja São Miguel Arcanjo.



SERVIÇOS DO MUSEU

PRÁTICAS EDUCATIVAS

As ações educativas do Museu das Missões são orientadas para um processo contínuo de aprendizado da história missioneira. As atividades visam a contribuir para a compreensão dessa experiência histórica e as implicações que ela teve, e ainda tem, para a formação e desenvolvimento da cultura e identidade da população (local/regional/brasileira).

O planejamento das ações leva em conta as múltiplas possibilidades existentes que ajudem a facilitar o acesso dos diferentes públicos, em especial o estudantil, ao material disponível sobre a experiência verificada na região das Missões. A diretriz dos trabalhos educativos aponta para a necessidade de conhecer, compreender e valorizar essa experiência e, ao mesmo tempo, enfatizar a importância das políticas de conservação de tudo que remete à história missioneira.

A visitação in loco ganha especial importância no processo educativo uma vez que, ao circular pelo Sítio Arqueológico, as pessoas passam a ter uma melhor compreensão do que foi a experiência missioneira e do legado que ela deixou para a humanidade. A forte presença indígena no

Arquivo do Museu das Missões



CRIANÇAS ATENTAS À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS em ação educativa do Museu das Missões. As ações educativas do museu buscam tornar acessível aos diferentes públicos a discussão sobre a história missioneira.

CRIANÇAS OCUPAM O MUSEU durante a realização das ações educativas.

A IMPONENTE IMAGEM DE SÃO LOURENÇO Mártir recebe e encanta quem vai ao Museu das Missões.

Sítio Histórico de São Miguel das Missões, por exemplo, é indicadora de como aquele território fez, faz e fará parte da história dos povos indígenas. No próprio espaço do sítio, há uma Casa de Passagem, que serve de abrigo às comunidades, especialmente Mbya-Guarani, que por ali passam quando circulam por seu espaço socialmente significado. A aldeia Mbya-Guarani, Tekoa Koenju, na Reserva Inhacapetum, localiza-se no município de São Miguel das Missões e tem mais de 300 habitantes.

PESQUISA

O investimento em pesquisa do Museu das Missões busca fazer desse espaço museal um centro de referência da pesquisa histórica das missões indígena-jesuíticas no Rio Grande do Sul, nos séculos XVII e XVIII. A pesquisa que inaugura esse importante vetor de ação do museu dedicou-se a descrever o fenômeno das missões sob a luz da História. Tal pesquisa foi realizada pelo historiador Jean Baptista e publicada pelo IBRAM em três volumes, Dossiê Missões. Os processos ligados à pesquisa de Jean Baptista norteiam o projeto de requalificação do Museu das Missões, iniciado em 2004.

O Museu das Missões começou no ano de 2010 a Pesquisa Histórica e Museológica da Formação do Acervo do Museu das Missões. Inicialmente, objetiva-se estudar a trajetória profissional do primeiro zelador do Museu das Missões, o Sr. João Hugo Machado, responsável pela coleta da maior parte das esculturas sacras missionárias que atualmente compõe o acervo museológico institucional. Para tanto, pretende-se realizar uma série



O MUSEU DAS MISSÕES ORGANIZA, apoia e atua em debates, encontros e congressos a respeito da história missionária.

de entrevistas com pessoas que possuem relações de parentesco e/ou amizade com o Sr. João Hugo Machado, bem como outros moradores da região missioneira, além de recuperar toda a documentação museológica produzida sobre esta coleção.

O Museu das Missões estabelece um programa de pesquisas que possibilita o processamento e a disseminação de informações por meio de estudos que possam contribuir com a produção de conhecimento acerca da história das missões indígena-jesuíticas e do acervo de arte sacra missional elaborado nas ocupações. Para isso, são adotadas as seguintes diretrizes: estabelecimento de linhas de pesquisa para direcionar a atuação; realização de estudos de público; promoção de seminários e eventos científicos e publicações. Nesse último caso, como já indicamos acima, o museu já registra a elaboração e publicação do Dossiê Missões.

VISITAÇÃO DO MUSEU DAS MISSÕES

VISITAÇÃO E PESQUISA

Terças-feiras a domingos, das 9h às 12h e das 14h às 18h.

Horário de verão: terças-feiras a domingos, das 9h às 12h e das 14h às 20h.

ENDEREÇO E CONTATOS

Rua São Luiz, s/nº - Sítio Histórico São Miguel Arcanjo,
Centro de São Miguel das Missões-RS.

CEP: 98865-000.

Telefone: (55) 3381-1291

Fax: (55) 3381-1291

Email: museu.missoes@museus.gov.br

COMO CHEGAR

O Museu das Missões localiza-se no sítio histórico São Miguel Arcanjo, na região central de São Miguel das Missões. Para quem não é da cidade de São Miguel e precisa chegar até ela, as principais opções estão abaixo.

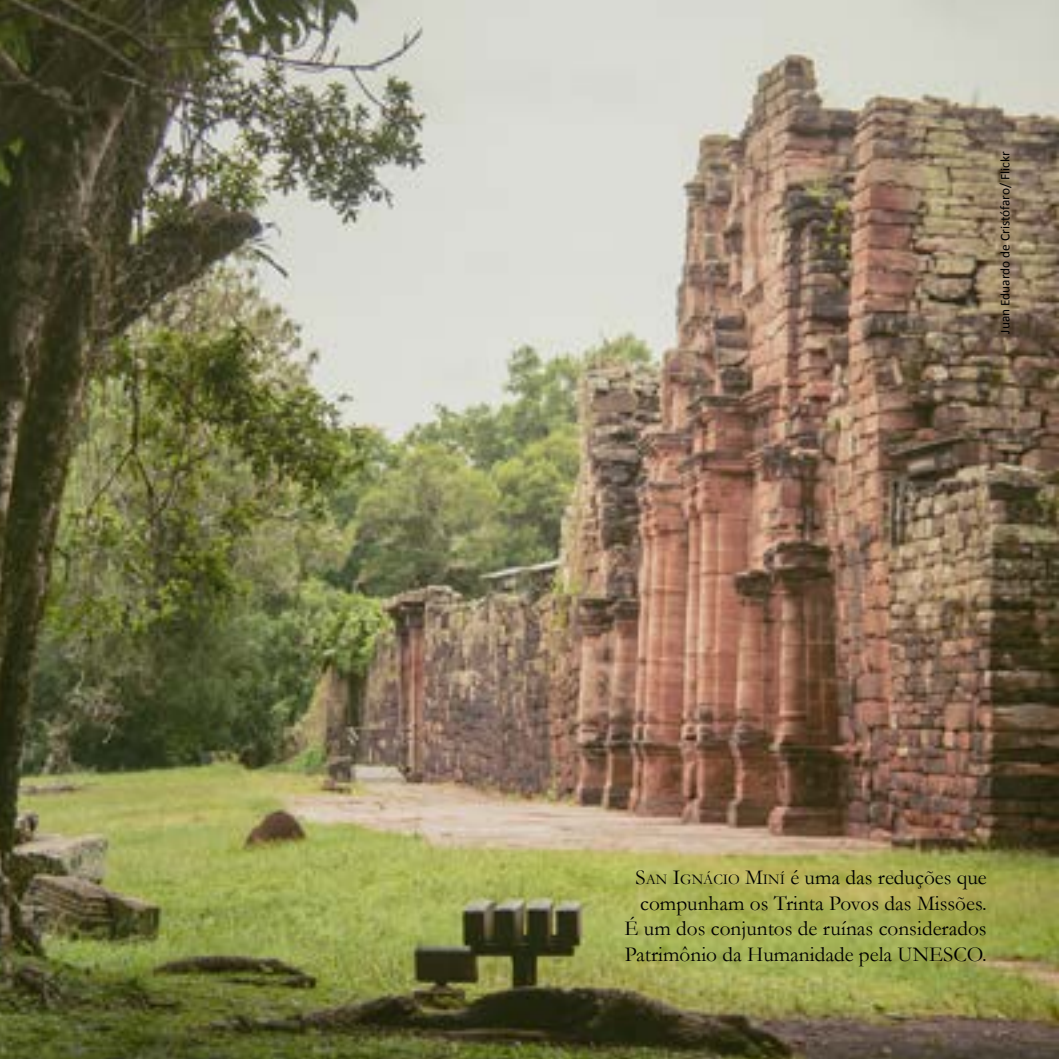
Saindo de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, é possível chegar a São Miguel das Missões por rodovia e via transporte aéreo. Da cidade de Porto Alegre há uma linha direta de ônibus para Santo Ângelo, que parte da capital diariamente. Para mais informações, é possível acessar a página na internet da empresa de ônibus que opera no trecho entre as cidades, <http://www.viacaooouroprata.com.br>. Quem vai de carro, e parte de Porto Alegre, possui três trajetos possíveis: 1 – pelas rodovias BR-386 e BR-385, distância: 499 quilômetros, tempo gasto aproximado: 6 horas e 35 minutos; 2 – pela rodovia BR-290, distância: 541 quilômetros, tempo gasto aproximado: 7 horas e 5 minutos; 3 – pela rodovia RS-287, distância: 518 quilômetros, tempo gasto aproximado: 7 horas e 9 minutos.

Da cidade de Santo Ângelo a São Miguel das Missões há uma linha de ônibus da empresa Turismo Antonello LTDA. A linha de ônibus circula todos os dias. Mais informações são possíveis no telefone da empresa, (55) 3312-2184.

Da cidade do Rio de Janeiro há uma linha diária da Viação Pluma (Rio de Janeiro x Uruguaiana) que passa na cidade de Santo Ângelo. Da cidade de São Paulo há duas linhas com destino a Santo Ângelo, uma da Viação Pluma (Rio de Janeiro x Uruguaiana) e outra da Viação

Reunidas. Para mais informações quanto às saídas de ônibus de Rio e São Paulo, acesse <http://www.pluma.com.br> ou <http://www.reunidas.com.br>.

Em Santo Ângelo, município que fica a 60 quilômetros de São Miguel das Missões, existe um aeroporto. Há no aeroporto uma loja de aluguel de veículos. O telefone do Aeroporto de Santo Ângelo é (55) 3313-6617.



Juan Eduardo de Cristóforo/Flickr

SAN IGNÁCIO MINI é uma das reduções que compunham os Trinta Povos das Missões. É um dos conjuntos de ruínas considerados Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

VISITE TAMBÉM

O Museu das Missões localiza-se no sítio arqueológico em que estão dispostos os vestígios da redução missional de São Miguel Arcanjo. Nascida em torno das antigas ruínas, a cidade de São Miguel das Missões, que abriga o museu, tem atualmente cerca de oito mil habitantes. A base de sua economia é formada pelas atividades econômicas geradas pelo turismo na região missioneira, e pela rica produção agropecuária.

Além de ser lugar do principal conjunto arquitetônico missioneiro no território brasileiro, declarado Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade desde 1983 e objeto da atenção de milhares de turistas encantados por sua história, São Miguel das Missões integra o circuito das missões, que liga a cidade brasileira às importantes ruínas de outras ocupações missionais no Brasil, no Paraguai e na Argentina. Os vestígios dos povoadamentos de San Ignacio Miní, na Argentina, e Trinidad, no Paraguai, destacam-se pela beleza, grandiosidade e conservação. Assim como o sítio arqueológico de São Miguel das Missões, as ruínas de San Ignacio Miní foram inscritas como Patrimônio da Humanidade no ano de 1983. Um processo comum na UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura conferiu o título de Patrimônio Histórico

e Cultural da Humanidade às ruínas de San Ignacio Miní, São Miguel das Missões, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto e Santa María La Mayor.

Em San Ignacio Miní, redução fundada em 1611 e instalada no lugar atual de suas ruínas desde 1696, o visitante tem acesso ao museu argentino dedicado às missões – Museo Jesuítico de San Ignacio Miní – e se encanta com a grandiosa estrutura da antiga redução, da qual é possível contemplar a riqueza de detalhes das construções. San Ignacio Miní localiza-se na província argentina de Misiones e é a maior e a mais bem preservada do conjunto de ruínas de reduções missionais fundadas no hoje território argentino, dentre as quais, Candelaria, Loreto, Santa Ana e Santa María. Toda essa beleza no país vizinho é acessível por estrada e está a apenas 300 quilômetros de São Miguel das Missões. Para o detalhamento das opções de visita ao sítio arqueológico, sugerimos o sítio eletrônico <http://www.misiones.tur.ar/destino/san-ignacio-3>.

Outro conjunto de ruínas que vale ser visitado é o de Trinidad, esse no Paraguai. Cerca de 400 quilômetros desde São Miguel, e declarada Patrimônio Mundial da UNESCO no início da década de 1990, Trinidad é bela representante das sete reduções missionais construídas no atual território paraguaio. Tendo tido sua construção iniciada apenas em 1706, originalmente chamada de La Santísima Trinidad de Paraná, Trinidad foi a

experiência mais ousada dentre os complexos urbanos que nasceram das reduções indígena-jesuíticas. Em uma área construída de oito hectares, o sítio arqueológico de Trinidad guarda e revela parte considerável das construções e de características marcantes da igreja principal, do colégio, do



AO ATRAIR PÚBLICOS DE DIVERSOS SEGMENTOS de São Miguel das Missões e região, o Ponto de Memória Misioneira aproxima-os de seus próprios costumes e tradições. A foto é de uma atividade realizada durante a Semana de Museus, evento organizado pelo Instituto Brasileiro de Museus.

claustro dos religiosos, cemitérios, pomares, casas dos indígenas e oficinas. A página na internet da Secretaria Nacional de Turismo do Paraguai <http://www.senatur.gov.py> reúne dados e informações a respeito do sítio arqueológico e suas cercanias, bem como do circuito das missões no país vizinho.

No Brasil, próximas a São Miguel das Missões, é possível visitar outras três ruínas de antigas reduções: os sítios históricos São João Batista, São Nicolau e São Lourenço Mártir. O sítio histórico São João Batista está localizado a 19 quilômetros do centro da cidade de Entre-Juís. Conta com as ruínas do cemitério, da igreja e do colégio da redução, que tem sua história intimamente vinculada à redução de São Miguel Arcanjo. Foi em razão do grande crescimento da última e das dificuldades de abastecimento de sua crescente população que uma parte de seus habitantes partiu para a construção de uma nova redução que veio a ser fundada em 1697, São João Batista. O sítio arqueológico tem entrada franca.

Outro rico conjunto de ruínas é o situado no sítio histórico São Lourenço Mártir, distante 30 quilômetros do centro da cidade de São Luiz Gonzaga. O sítio tem entrada franca. Fundada em 1690, a redução São Lourenço Mártir foi fundada pela população de outra redução, a Santa María La Mayor.

O sítio de São Nicolau guarda os restos arqueológicos da redução de mesmo nome. Fundada em 1626, foi abandonada por sua população em razão de seguidos ataques bandeirantes e reocupada somente no ano de 1687. Localiza-se na cidade de São Nicolau. Além das fundações das antigas construções, o sítio arqueológico tem aberta à visitação a única adega subterrânea restante do período missional.

No Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, é comum a presença de indígenas vendendo peças artísticas produzidas a partir de suas tradições culturais. Há ainda as pequenas instalações de uma Casa de Passagem dos indígenas no próprio sítio arqueológico. Importante saber que os Guarani realizam movimentos de migração regulares por todo o território missionário, hoje marcado pelas fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai. Em São Miguel das Missões, localiza-se a Reserva Indígena Inhacapetum onde atualmente vivem mais de 300 pessoas. A reserva fica a 30 quilômetros do centro da cidade, às margens do rio Inhacapetum, que lhe dá nome. Mediante agendamento, é possível realizar visitas à reserva.

Ao respirar tanta história e se inspirar pelos movimentos, diálogos e resistências dos povos que compuseram as missões, o visitante de São Miguel das Missões está convidado também a aproveitar a tranquilidade de suas ruas, o frescor de seu clima e a hospitalidade de suas gentes. Os

restaurantes, padarias, bares, pousadas e as calçadas da cidade são bons lugares para refletir sobre a história da região e para ser bem acolhido. Uma breve caminhada a partir do Museu das Missões, por exemplo, levará o visitante a conhecer o Ponto de Memória Missioneira, iniciativa idealizada por Valter Braga, miguuelino e entusiasta da história e memória missioneiras, e apoiada pelo Museu das Missões e pelo Programa Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/ MinC). O Ponto de Memória Missioneira é lugar de abrigo e exposição de um amplo acervo: desde pedras e materiais usados na construção das reduções missionais, ferramentas e peças usadas no período da experiência missional até utensílios do cotidiano dos habitantes da região na contemporaneidade. Mais que tudo, é um marco da identidade dos habitantes de São Miguel das Missões e da luta pelo registro, valorização e divulgação de sua memória.

Telefones para informação e agendamento de visitas:

Secretaria de Turismo de São Miguel das Missões: (55) 3381-1294.

Ponto de Memória Missioneira (Valter Braga): (55) 9917-4473.

Secretaria de Turismo de Entre-Juís: (55) 3329-1170.

Secretaria de Turismo de São Luiz Gonzaga: (55) 3352-2699.

Sítio Arqueológico de São Nicolau: (55) 3363-1441.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Nascido do impulso modernista que reuniu poetas, intelectuais, arquitetos e encontrou eco nas formulações da então emergente política de cultura e patrimônio no Brasil do fim da década de 1930, o Museu das Missões segue protagonista na contemporaneidade. O museu tem reforçado seu papel central na valorização da história missioneira e das complexas organizações sociais e culturais que lhe deram forma.

Nos últimos anos, o Museu das Missões buscou se aproximar ainda mais das comunidades que o cercam, desenvolvendo atividades de educação, pesquisa e memória social junto aos variados segmentos sociais de São Miguel das Missões e região.

Isso tudo, é claro, sem deixar de cumprir sua missão fundamental de preservar o rico acervo material que possui. Fiel guardião do maior conjunto público de imagens missioneiras da América do Sul, o Museu das Missões convida todos a apreciar seus encantos, permitindo-se refletir criticamente sobre o fenômeno missional enquanto uma das peças fundamentais de constituição da história dos povos brasileiros e sul-americanos.

Seja bem-vindo ao Museu das Missões!

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Jean. Dossiê Missões – O temporal, vol. 1. Brasília, Ibram, 2010.

_____. Dossiê Missões – O eterno, vol 2. Brasília, Ibram, 2010.

BAPTISTA, Jean; DOS SANTOS, Maria Cristina. Dossiê Missões – As ruínas, vol 3. Brasília, Ibram, 2010

BAUER, Letícia. “O arquiteto e o zelador: patrimônio cultural, história e memória”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates*, 2007.

BRASIL. Decreto-lei 2.077, de 8 de março de 1940.

BRASIL. Lei 11.904 (Estatuto de Museus), de 14 de janeiro de 2009.

COMAS, Carlos Eduardo. Lucio Costa e as missões: um museu em São Miguel. Porto Alegre, IPHAN/ UFRGS, 2007.

DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA - D. H. A. Buenos Aires, Talleres Jacobo Peuser, 1929.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

PESAVENTO, Sandra. “Ruínas falantes, fonte da imaginação” (texto de apresentação do livro). In: BAPTISTA, Jean; DOS SANTOS, Maria

Cristina. Dossiê Missões – As ruínas, vol. 3, Brasília, Ibram, 2010.

ROCHA, Ricardo. “O pavilhão Lucio Costa. Uma proposta”. *Minha Cidade*, n. 10, São Paulo, Portal Vitruvius, dez. 2000. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/01.006/2099>. Acesso em: 28 ago. 2015.

TAVARES, Eduardo; DALTO, Renato. Missões jesuítico-guaranis. São Leopoldo, Unisinos, 1999.

TREVISAN, ARMINDO. O Barroco nas Missões. In: *Catálogo da mostra do redescobrimento: arte barroca*. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac-Naify, 2002.

Endereço

Rua São Luiz, s/nº
Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo,
Centro de São Miguel das Missões-RS
CEP: 98865-000

Horários

Terças-feiras a domingos:
das 9h às 12h e das 14h às 18h.

Horário de verão

Terças-feiras a domingos:
das 9h às 12h e das 14h às 20h.

Telefone / Fax

(55) 3381-1291
museu.missoes@museus.gov.br



Ministério da
Cultura

